

# Condição de Pobreza e a Vulnerabilidade da Mulher Brasileira

## *Poverty Condition and Vulnerability of Brazilian Woman*

*Augusta Pelinski Raiher*

**Resumo:** O objetivo deste artigo é o de analisar a sobre-representação da pobreza feminina no Brasil e em seus estados, no ano de 2013, identificando os fatores que elevam a probabilidade das famílias chefiadas por mulheres se inserirem na condição de pobreza. Para isso, utilizando os dados da PNAD de 2013, mensurou-se os percentuais de domicílios chefiados por mulheres que estão inseridos na condição de pobreza, comparando com os valores masculinos. Na sequência, via estimação *Logit*, identificou os fatores que afetam tal inserção. Como corolário, observou-se a existência de uma sobre-representação feminina na pobreza no Brasil, concentrando-se de forma mais abrupta nas regiões Norte e Nordeste, atingindo de forma mais efetiva as mulheres negras, pardas e indígenas. Dentre os fatores que elevam as chances de um domicílio chefiado por mulher estar abaixo da linha da pobreza, teve-se: ser da região Norte/Nordeste, ter apenas a presença da mãe no domicílio, não estar ocupada (no âmbito do trabalho formal), e o tamanho da família. Os fatores que tendem a diminuir tal probabilidade foram: ser da zona urbana, ser da cor branca, escolaridade, idade, e idade que a mulher começou a trabalhar.

**Palavras-chave:** Condição de Pobreza; Gênero; Sobre-Representação Feminina.

**Abstract:** The purpose of this article is to analyze the over-representation of female poverty in Brazil and its states, in 2013, identifying the factors that increase the probability of female-headed households being inserted in poverty. For this, using data from the National Household Survey of 2013, measured up households percentage of female-headed households that are inserted into the condition of poverty, compared to male values. In the sequel, by estimating logit, identified the factors affecting such insertion. As a corollary, there was the existence of an over-representation of women in poverty in Brazil by focusing more abruptly in the North and Northeast, reaching more effectively black women, mixed race and indigenous. Among the factors that increase the chances of a household headed by women living below the poverty line, if had it: to be the North / Northeast region, have homes with only the mother's presence, not be occupied (in the formal work) and family size. Factors that tend to diminish such probability were: the urban area, be of white color, educational level, age, and age as the woman went to work.

**Keywords:** Poverty Condition; Genre; Over-Representation of Women.

**JEL:** I3.

## **Introdução**

Há anos que a condição de pobreza é estudada dentro das ciências sociais aplicadas. A partir da década de 1960, com a intensificação do debate sobre o processo de crescimento e desenvolvimento econômico, tal temática adquiriu uma expressividade ainda maior, principalmente dentro da economia, abordando-a num contexto de insuficiência de renda. Contudo, a maioria dos trabalhos destinados a essa análise centraram seus estudos num enfoque apenas assexuado da pobreza.

Ora, o avanço da industrialização, da urbanização, juntamente com a queda da taxa de fecundidade, elevaram a possibilidade das mulheres se inserirem no mercado de trabalho. Ademais, o movimento feminista nacional fez crescer sua visibilidade política na sociedade. Todos esses fatores transformaram a identidade feminina, redefinindo seu papel em todas as classes sociais.

No entanto, ao mesmo tempo em que a mulher mudou sua posição na sociedade, intensificou-se a interdependência da sua vida profissional com a familiar, não rompendo com a divisão sexual do trabalho (no âmbito doméstico), não havendo uma ruptura total na estrutura patriarcal das famílias. Isso, de alguma maneira, fortaleceu

as desigualdades por ela sofrida, especialmente no que concerne ao mercado de trabalho.

Destarte, a atuação em atividades não remuneradas, informais, e em segmentos menos organizados, atrelado a sua dedicação às atividades do lar, são alguns dos fatores que condicionam a persistência de rendimentos inferiores para as mulheres, intensificando a inserção feminina na condição de pobreza, ativando, efetivamente, a problemática entre gênero e pobreza.

Com efeito, na hipótese da literatura feminista, a existência de fatores de gênero torna as mulheres mais vulneráveis à pobreza. Por exemplo, o Relatório de Desenvolvimento Humano de 1995 infere que, dentre as pessoas que estavam na condição de pobreza, 70% eram mulheres (PNUD, 1995). Ou seja, existe uma diferença em termos de pobreza entre homens e mulheres, incidindo de forma mais tênue nos primeiros.

Por isso, ao usar o conceito de gênero no fenômeno da pobreza, se enriquece tal análise, o que permite entendê-lo como um processo. No caso do Brasil, os estudos focam no agregado familiar, poucos são os que fazem essa diferenciação. Em vista disso, o objetivo deste artigo é exatamente este, analisar a sobre-representação da pobreza feminina no Brasil e em seus estados, no ano de 2013, identificando os fatores que elevam a probabilidades das famílias chefiadas por mulheres se inserirem na condição de pobreza.

Para isso, este artigo está estruturado em cinco seções, incluindo esta. Na segunda seção se faz uma breve contextualização teórica acerca da pobreza numa perspectiva de gênero, seguida da metodologia. Na quarta seção tem-se os resultados, com a identificação dos fatores que podem elevar a probabilidade das famílias chefiadas por mulheres se inserirem na linha da pobreza. Por fim, tem-se as considerações finais.

## **2. Pobreza numa perspectiva de gênero**

A partir dos anos de 1970, alguns trabalhos começaram a analisar a pobreza numa perspectiva de gênero. Na sua maioria, identificavam um aumento da proporção de mulheres pobres, denominando tal processo de feminização da pobreza. Um dos primeiros a cunhar tal conceito foi Pearce (1978). Ele associou esse processo de empobrecimento feminino com o aumento de famílias chefiadas por mulheres. Neste caso, além de terem somente um provedor de renda, ainda sofriam desvantagens, especialmente, no que concerne ao mercado de trabalho.

Com efeito, a análise do hiato do rendimento entre os sexos se eleva significativamente quando se faz a distinção entre domicílios chefiados por homens *versus* mulheres. Tal diferença decorre não pela produtividade apresentada, mas pela concentração da atividade feminina em segmentos menos organizados da economia, com maior recorrência de contratos informais e menor presença sindical (MELO, 2004).

Northrop (1990), analisando os Estados Unidos, conceituou a feminização da pobreza de maneira bastante semelhante à Pearce (1978), como sendo um processo de concentração da pobreza naqueles domicílios chefiados por mulheres. Para o autor, tal fenômeno não seria decorrente apenas da mudança no número de famílias chefiadas por mulheres, mas também pelo melhoramento das condições de vida, especialmente, daqueles domicílios chefiados pelos homens.

Cabe ressaltar que a feminização da pobreza não pode ser confundida com a predominância de níveis mais elevado de pobreza entre as mulheres e famílias chefiadas por mulheres, mas sim pela mudança no perfil da pobreza, possuindo uma dimensão temporal (COSTA *et al*, 2005). Portanto, o processo de feminização da pobreza está atrelado ao crescimento da pobreza no universo feminino ao longo do tempo.

Agora, quando se faz uma análise apenas em determinado momento, visando identificar a existência de uma propensão maior das mulheres ou dos domicílios chefiados por mulheres serem pobres, se fala em sobre-representação<sup>1</sup> feminina na pobreza. Tal conceito diz respeito à constatação de uma maior pobreza entre as mulheres ou entre as famílias por elas chefiadas em um determinado momento (COSTA *et al*, 2005).

Todavia, independente do tipo de análise que é feita (temporal ou atemporal), o crucial é a verificação do fenômeno e a identificação das suas causas. Shadpour (2013) destaca que ao minimizar a pobreza feminina, diretamente se reduz a condição de pobreza das crianças, haja visto que boa parte das famílias monoparentais são chefiadas por mulheres, as quais, na média, detêm patrimônios inferiores do que as famílias chefiadas pelos homens. O autor identificou que as crianças mais pobres têm maior probabilidade de apresentar problemas de fala e audição, conjuntamente, apresentam uma motivação menor para aprender, com atraso no desenvolvimento cognitivo, menor participação em atividades extracurriculares, aspirações de carreira inferiores, menor frequência universitária, um risco maior de analfabetismo, e taxas de abandono escolar mais elevada. Ou seja, ao minimizar o problema de inserção feminina na pobreza rompe-se, em alguma magnitude, com o próprio círculo vicioso subsequente da pobreza.

Ademais, Shadpour (2013) infere a existência de evidências que mostram mulheres permanecendo em relacionamentos abusivos exatamente para evitar que elas, juntamente com seus filhos, fiquem imersos na pobreza.

Por essas constatações que a análise da relação entre gênero e pobreza se torna relevante. E isso começou-se a ser feito especialmente a partir dos anos de 1980. A maioria dos trabalhos, principalmente os aplicados aos países subdesenvolvidos, evidenciaram um aumento do número de mulheres pobres proporcionalmente ao observado para os homens (GODOY, 2004).

Deste modo, reconheceu-se que o gênero é um fator que determina a pobreza e aumenta a vulnerabilidade da mulher, assim como a idade, a etnia, a localização geográfica, dentre outros. Além das diferenças que se tem no mercado de trabalho, outros elementos começaram a ser apresentados como decisivos nesta vulnerabilidade. Bravo (1998) atribuiu a promoção limitada que é dada a mulher, quanto ao acesso dos recursos sociais e econômicos (como o capital produtivo, a educação, o treinamento, etc.), conjuntamente com a restrição que se faz quanto à sua participação na tomada das principais decisões na política, na economia e na esfera social, como determinantes dessa desigualdade de oportunidades.

Gelinski e Pereira (2005), numa análise mais particular, inferem alguns momentos nos quais as mulheres encontram menores oportunidades de geração de renda: durante a gravidez; no período em que seus filhos são pequenos e; na velhice. Nestas etapas, a situação pode se atenuar caso ocorra a separação ou a viuvez, podendo

---

<sup>1</sup> A sobre-representação feminina na pobreza refere-se ao maior percentual de domicílios chefiados por mulheres que estão na condição de pobreza versus o percentual dos domicílios chefiados por homens que estão na condição de pobreza, num mesmo período.

impulsioná-las a empreender uma atividade remunerada, ainda que em condições precárias e com baixos salários. Com efeito, ao tornar-se chefes de família a situação se agrava, considerando a condição de exclusiva mantenedora do lar.

Ademais, ser mãe solteira, segundo os autores, também intensifica sua vulnerabilidade à pobreza, por potencialmente interromper seus estudos. Em todos os casos, quando conseguem transpor as barreiras do mercado de trabalho, boa parte das mulheres encontram apenas atividades informais e com baixa remuneração.

### 3. Metodologia

Este estudo privilegia o enfoque monetário como método de cálculo para a identificação dos domicílios brasileiros inseridos na condição de pobreza. Neste sentido, utilizou-se como critério para a definição de linha de pobreza o correspondente a meio salário mínimo *per capita*<sup>2</sup>, valor que separa os domicílios pobres dos não pobres.

Sabe-se que a renda não é a única dimensão na geração do bem estar de uma pessoa, no entanto, conforme Sant'ana (2008), por mais que não seja suficiente, é uma condição necessária. A sua fomentação cria condições para que outras dimensões sejam incentivadas. Por isso, mesmo tendo limitações, utilizou-se o critério da renda especialmente pela precariedade das outras informações (no âmbito multidimensional) e por ser comum o seu uso neste tipo de estudo.

Conforme destacado na seção anterior, a feminização da pobreza está intimamente ligada com a mudança no perfil da pobreza. No entanto, como nesta pesquisa está se trabalhando apenas com dados de um único ano (PNAD de 2013), a meta não é identificar a feminização da pobreza, mas sim, a sobre-representação que se tem. Portanto, da base de dados da PNAD, selecionou-se aqueles domicílios cujo chefe da família era a mulher, analisando o percentual destes domicílios que tinham uma renda familiar *per capita* inferior a meio salário mínimo, comparando tais valores com os domicílios chefiados pelos homens.

Esta sobre-representação foi analisada no âmbito dos estados brasileiros, discriminando-a por raça e por localização (zona urbana/rural).

Na última parte da análise, buscou-se identificar os fatores que elevariam a probabilidade dos domicílios chefiados por mulheres se inserirem na condição de pobreza. Para isso, selecionou-se as variáveis do Quadro 1.

---

<sup>2</sup> Os atuais programas sociais do governo federal têm como critério para determinar a linha da pobreza o equivalente a meio salário mínimo *per capita* (LOUREIRO E SULIANO, 2009).

Quadro 1: Variáveis explicativas da probabilidade dos domicílios chefiados por mulheres se inserirem na condição de pobreza.

Variável	Caracterização	Sigla utilizada
Região onde residia	Norte/Nordeste = 1 e demais regiões = 0	REG
Tipo de família	Mãe com filhos = 1 e domicílio com a presença do casal = 0	TF
Localização	Urbano = 1 e rural = 0	LOC
Cor	Pardo e negro=0 e branco = 1	COR
Condição de trabalho	Estar ocupado = 0 e não estar ocupado = 1	OCUP
Idade	Anos	ID
Idade que a chefe da família começou a trabalhar	Anos	IDT
Anos de estudo	Anos	EST
Número de integrantes da família	Número	TAM

Fonte: Resultado da pesquisa.

No caso da região onde residia, a variável binária assumiu 1 para o Norte/Nordeste, tendo em vista os resultados preliminares da análise que demonstraram um efeito espacial da pobreza nestas regiões (resultados seção 4). No caso da raça, também se verificou uma sobre-representação de domicílios chefiados por mulheres pardas e negras inseridos na condição de pobreza. As demais variáveis (escolaridade, tamanho da família, estar empregado, idade e idade que a chefe da família começou a trabalhar) são comumente utilizadas para determinar as chances de se inserir na pobreza (BENDER FILHO e BANGOLIN, 2014). É claro que na maioria dos trabalhos, essas variáveis são usadas numa análise assexuada, mas aqui, foi transposta para a análise da pobreza feminina.

Para identificar a probabilidade de um domicílio brasileiro chefiado por uma mulher se inserir na condição de pobreza em 2013, utilizou-se o modelo *Logit* (valor "um" para os domicílios cuja renda familiar *per capita* era inferior a meio salário mínimo e "zero" para os demais casos). Esse modelo estima a probabilidade de ocorrência de determinado evento, dado um conjunto de variáveis explicativas. Com os resultados obtidos em (1)<sup>3</sup>, se definem os fatores potenciais da reversão do processo cumulativo negativo da pobreza existente nos domicílios chefiados por mulheres ao longo do país.

$$\ln \left[ \frac{p}{1-p} \right] = b_0 + b_1 REG + b_2 TF + b_3 LOC + b_4 COR + b_5 OCUP + b_6 ID + b_7 IDT + b_8 EST + b_9 TAM + e \quad (1)$$

<sup>3</sup> Estimação considerando matriz de covariância robusta.

Em que:  $p$  é a probabilidade de um domicílio chefiado por uma mulher estar classificado abaixo da linha da pobreza e  $1-p$  é a probabilidade de não estar.

#### 4. Análise da sobre-representação feminina na pobreza ao longo do Brasil

A composição da população brasileira é bastante heterogênea. Arelado a isso, cada região apresenta características particulares que as diferenciam umas das outras. Esses elementos, amparados pela formação da sociedade (patriarcal, latifúndios, etc.), condiciona a emersão de desigualdades profundas ao longo do país.

Com o intuito de coibir as discriminações fundadas especialmente no que se refere ao gênero e a raça, nos últimos anos, o Brasil assinou vários compromissos internacionais<sup>4</sup>, com metas a mitigar tal discriminação. Ademais, a própria Constituição de 1988 apresenta uma série de preceitos que buscam garantir a igualdade entre todos.

No entanto, persiste ainda diferenças substanciais ao longo do país. E essas diferenças são percebidas especialmente quando se analisa a condição de pobreza dos brasileiros. Ora, embora nos últimos anos se tenha implantado programas de combate a pobreza, ainda existe um contingente grande incluído nesta condição. Na Tabela 1 tem-se o percentual de domicílios cuja renda *per capita* está abaixo de meio salário mínimo, perfazendo um total de 28% dos domicílios analisados. É claro que esse valor é mais intenso na zona rural, contudo, há de se considerar que em tal espaço parte do que é consumido vem da própria propriedade, então, a falta de renda tende a ter um impacto maior na zona urbana, por mais que os seus percentuais sejam menores<sup>5</sup>.

Tabela 1 – Percentual de domicílios com renda *per capita* inferior a meio salário mínimo - Brasil – 2013.

Total	Urbana	Rural
28,4%	24,2%	53,0%

Fonte: PNAD (2013), trabalhados pela pesquisa.

Neste sentido, apesar de alguns estudos mostrarem que a pobreza vem decrescendo ao longo do tempo<sup>6</sup>, ela ainda é bastante representativa no país, tendo um agravante, que é a sobre-representação feminina, conforme revela a Tabela 2.

A literatura apresenta alguns elementos potenciais para essa marginalização maior da mulher e dos domicílios por ela chefiados, cujo principal ponto está na diferenciação de rendimentos que se tem no mercado de trabalho, decorrentes, entre outros fatores, da alta interdependência da sua vida profissional e familiar, de estar inserida em segmentos menos organizados da economia, com maior recorrência aos contratos informais. Enfim, o fato é que no Brasil, do total de domicílios por elas chefiados, tem-se um percentual maior de inseridos na condição de pobreza.

<sup>4</sup>Como exemplo, Pinheiro e Soares (2015) citam os seguintes: ratificação com a CEDAW (Convenção para Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher); o Protocolo Facultativo da CEDAW e quase todas as convenções da OIT, e; assinou a CERD (Convenção Internacional para a Eliminação da Desigualdade Racial).

<sup>5</sup>Para maiores evidências, ver IPEA (2013).

<sup>6</sup>Ciarelli (2011) argumenta que entre 2002 e 2010 o índice de pobreza caiu em mais de 50% no Brasil.

Tabela 2 – Percentual de domicílios com renda *per capita* inferior a meio salário mínimo, conforme gênero da pessoa de referência - Brasil – 2013.

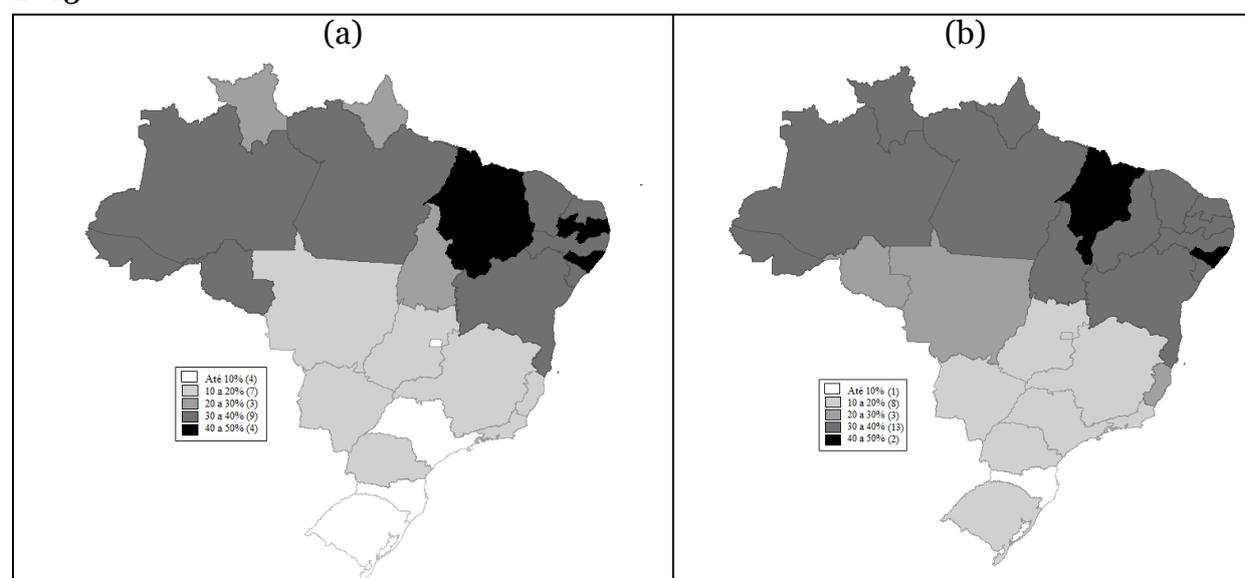
Domicílios cujo chefe era do sexo <b>masculino</b> (%)	Domicílios cujo chefe era do sexo <b>feminino</b> (%)
21,6	24,3

Fonte: PNAD (2013), trabalhados pela pesquisa.

E quando se analisa os estados brasileiros, a mesma percepção se aúfere (Figura 1). Com efeito, com exceção de Rondônia, Amazônia, Maranhão, Paraíba e Alagoas, em todos os outros estados o percentual de domicílios chefiados por mulheres e que estão inseridos abaixo da linha da pobreza é maior quando comparado ao dos homens, reafirmando a sobre-representação da pobreza feminina ao longo do país.

Ademais, analisando a distribuição espacial dos domicílios que estão abaixo da linha da pobreza, percebe-se uma certa proximidade dos estados com os maiores percentuais, bem como uma contiguidade dos estados com menores percentuais de domicílios inseridos na condição da pobreza, tanto no que se refere aos domicílios chefiados por homens, como também no caso dos chefiados por mulheres. Ora, ao calcular a estatística I de Moran<sup>7</sup>, encontrou-se um coeficiente positivo e significativo (0,61) para ambos, existindo uma autocorrelação espacial da pobreza, de tal modo que os estados com maior percentual de domicílios inseridos na condição de pobreza estão rodeados por estados com elevado percentual de domicílios nesta mesma situação, e vice-versa. Portanto, existem aspectos espaciais que estão ligados diretamente aos resultados de marginalização da renda ao longo do país, e certamente influenciam essa maior participação feminina na pobreza brasileira, destacando a formação de grandes bolsões de pobreza especialmente nas regiões Norte e Nordeste do país (Figura 1).

Figura 1 – Percentual dos domicílios cuja renda *per capita* é inferior a meio salário mínimo - Chefiados por homens (a); Chefiados por mulher (b) - Estados do Brasil – 2013.



Fonte: PNAD (2013), trabalhados pela pesquisa.

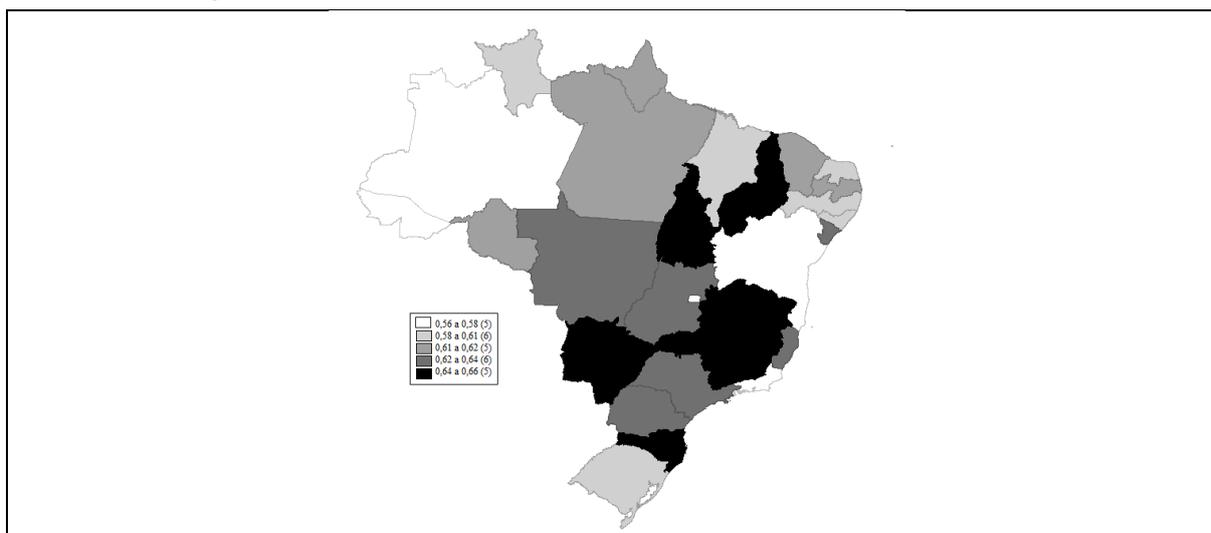
<sup>7</sup>O Índice de Moran mede a relação do desvio padronizado de uma variável **Z** numa área **i** com o desvio padronizado das áreas vizinhas para a mesma variável **Z** (ALMEIDA, 2010).

Alguns autores inferem que a sobre-representação feminina na pobreza é resultado direto da elevação da sua participação como chefe dos domicílios, especialmente por dois motivos: 1) em geral, tornam-se as únicas provedoras da renda, e; 2) apresentam rendimento inferior ao dos homens. Com efeito, no censo de 2000, cerca de 25% dos domicílios eram chefiados por mulheres; em 2010, esse percentual passou para 38% (IBGE, 2015); no ano de 2013, pelos dados da PNAD (Tabela 1), 39% dos domicílios tinham como responsáveis as mulheres. Ou seja, existe uma tendência crescente das mulheres serem responsáveis pelos domicílios.

Se contrapor a figura 2 com a Figura 1 (b) perceber-se-á uma certa associação negativa (correlação igual a -0,20), em que, naqueles estados nos quais o percentual de domicílios chefiados por mulheres que estavam abaixo da linha da pobreza foi maior, tinha-se, no geral, um percentual menor de domicílios chefiados por homens (e vice-versa). Ou seja, novamente tem-se indício de que a intensificação de mulheres chefiando os domicílios induz a uma sobre-representação feminina na pobreza.

Analisando os estados do Brasil, a participação feminina como responsável pelos domicílios variou entre 32% a 44% (Figura 2), valores significativos se considerar que, em 2000, a média brasileira era de apenas 25%. Portanto, ao longo de todo o país tende-se a uma participação significativa das mulheres como responsáveis pela família.

Figura 2 – Percentual de domicílios cujo responsável é do sexo masculino - Estados do Brasil 2013.



Fonte: PNAD (2013).

Melo (2004) elaborou um estudo acerca da pobreza brasileira, confirmando a tese de que existem elementos relacionados ao gênero que incidem com maior ênfase na vida das mulheres, persistindo diferenças determinantes entre os sexos, as quais são agravadas pela questão do preconceito racial. Neste sentido, subdividindo os domicílios chefiados pelas mulheres por raça para o ano de 2013 (Tabela 3), tem-se exatamente a mesma constatação, em que nos domicílios no qual a responsável é de cor branca, apenas 15% estão inseridos na condição de pobreza; ao passo que naqueles domicílios chefiados por mulheres pardas, pretas ou indígenas, o percentual eleva-se para mais de 30%.

Se considerar o total de domicílios chefiados pelas mulheres classificando por cor, mais da metade são pretas e pardas. Como a pobreza é mais intensa nestes

domicílios, então não se pode negar que a pobreza tem uma face feminina, com diferenciais acerca da cor.

Tabela 3 – Percentual de domicílios chefiados por mulheres que recebem menos que meio salário mínimo *per capita* - por cor - Brasil – 2013.

Branca	Preta	Parda	Indígena	Outros
15%	30%	32%	37%	15%

Fonte: PNAD (2013), com dados trabalhados pela pesquisa.

Da mesma forma, há uma intensidade maior da pobreza entre os domicílios chefiados pelas mulheres da zona rural, mas deve-se ter o cuidado de considerar que, nestas localidades, parte do que é consumido pode ser produzido na própria propriedade.

Tabela 4 – Percentual de domicílios chefiados por mulheres que recebem menos de meio salário mínimo *per capita* - zona urbana e zona rural- 2013.

Zona Rural	Zona Urbana
43%	23%

Fonte: PNAD (2013), com dados trabalhados pela pesquisa.

De forma geral, como corolário, pode-se inferir a existência de uma sobre-representação feminina na pobreza brasileira, concentrando-se de forma mais abrupta nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, atingindo de forma mais efetiva os domicílios cuja chefe são mulheres negras, pardas e indígenas, residentes na zona rural.

Ora, a literatura argumenta que um dos motivos para se ter essa sobre-representação esta exatamente pela mulher assumir cada vez mais a chefia dos domicílios. Como no Brasil se constata tal fato, então, na última parte desta pesquisa, buscou-se identificar quais os fatores que tendem a elevar a probabilidade dos domicílios chefiados pelas mulheres se inserirem abaixo da linha da pobreza.

Para isso, estimou-se um modelo *logit* (Tabela 5). Os resultados da pesquisa apontaram que ser da região Norte/Nordeste, ter domicílios apenas com a presença da mãe, não estar ocupada (no âmbito do trabalho formal), e o tamanho da família, são fatores que elevam a probabilidade do domicílio se inserir na condição de pobreza. De forma específica, a probabilidade de se enquadrar nesta categoria eleva-se em 180%, 242%, 1000% e 49%, respectivamente, se elevar em 1% cada variável, *ceterisparibus*. Destaque deve ser dado à variável "não estar ocupada", a qual se apresentou muito importante nesta determinação da sobreposição feminina na pobreza. No caso dos domicílios chefiados por mulheres e que não tem a presença do companheiro no domicílio, também foi uma variável que se mostrou relevante, especialmente pela mulher ser, na maioria dos casos, a única provedora de renda do domicílio.

Tabela 5 – Resultados do modelo *Logit* referindo-se à chance de um domicílio chefiado por mulher se inserir na condição de pobreza - Brasil – 2013.

Variáveis	Coefficiente	Desvio padrão
Constante	0,98	0,14*
Região (norte/nordeste = 1; demais regiões = 0)	1,03	0,04*
Tipo de família (mãe com filhos = 1; casal = 0)	1,23	0,04*
Urbano/rural (urbano = 1; rural = 0)	-0,69	0,07*
Cor (parda e negra=0; branca = 1)	-0,38	0,04*
Condição de trabalho (ocupada = 0; não ocupada = 1)	2,40	0,11*
Idade	-0,05	0,002*
Idade que começou a trabalhar	-0,02	0,004*
Anos de estudos	-0,17	0,005*
Número de integrantes da família	0,40	0,01*
Pseudo R <sup>2</sup>	67%	
Teste Omnibus	56*	
Teste Hosmer e Lemeshow	8	
N. de casos corretamente preditos	84%	

Fonte: Resultado da pesquisa a partir de dados da PNAD (2013).

Nota: \* significativo a um nível de significância de 1%.

Ao mesmo tempo, tende a diminuir essa probabilidade se o domicílio chefiado pela mulher for da zona urbana, se a mulher for branca, se possuir mais anos de estudos, se for mais velha, e se começar a trabalhar mais tarde. Ora, as chances de se enquadrar nesta classificação diminuem em 50% se ela for da zona urbana, em 32% se a chefe de família for branca, 16% para cada aumento percentual nos anos de estudo da mulher, 5% para cada aumento de 1% em sua idade e, 2% para cada aumento percentual na idade em que a mulher começa a trabalhar.

No caso da idade, a relação inversa com a probabilidade do domicílio se enquadrar na condição de pobreza pode ser justificada por dois motivos: não ter mais filhos pequenos conforme a idade avança, diminuindo a interdependência entre a vida profissional e a familiar, e; pela própria aposentadoria que adquire. Na variável "idade que começou a trabalhar", seu efeito negativo pode ser resultado da inserção precoce no mercado de trabalho, não investindo na formação do seu capital humano, restringindo rendimentos futuros maiores, bem como, essa inserção precoce pode condicioná-la para trabalhos com salários menores no presente, subempregos.

De todas as variáveis incluídas na estimativa da Tabela 5, quatro podem ser afetadas diretamente pelas políticas públicas: os anos de estudos, a idade que começa a trabalhar, o tamanho da família e a condição de trabalho (estar empregada). Todas, se alteradas podem diminuir as chances de se intensificar ainda mais a sobre-representação feminina na pobreza.

## Considerações Finais

O melhoramento do bem estar, com a minimização dos níveis de pobreza, é a busca de todas as regiões. Neste escopo, a identificação dos agentes mais vulneráveis se torna crucial para que políticas específicas sejam travadas. Com efeito, dados mundiais indicam que mais de 70% das pessoas que vivem em situação de pobreza são mulheres. No caso do Brasil, os dados apresentados deixam clara a sobre-representação feminina na pobreza, em que, dos domicílios chefiados por homens, tem-se 21,6 % inseridos na condição de pobreza contra 24,3% para as mulheres.

Ademais, a probabilidade dos domicílios por elas chefiados se inserirem na condição de pobreza se eleva dependendo da região nas quais estão localizadas

(Norte/Nordeste, principalmente), dependendo também do tamanho da família, se a mulher não tem companheiro e se ela está ocupada (trabalhando). Este último item é o que apresentou o maior impacto nas chances de se inserir abaixo da linha da pobreza, haja visto que a pobreza feminina está atrelada com a restrição que a renda impõe ao trabalho remunerado da mulher: sem trabalho, nem o mínimo de renda que se afeita.

Ao mesmo tempo, a sobre-representação feminina na pobreza pode ser amenizada se, por exemplo, a mulher não se inserir tão cedo no mercado de trabalho e se elevar os seus anos de estudo. Ou seja, o investimento no seu capital humano de curto e médio prazo podem ser decisivos na determinação da pobreza feminina no país.

A pesquisa deixa clara a existência de espaço para ações da política pública na minimização da sobre-representação feminina na pobreza. Ações de formação de capital humano, bem como de planejamento familiar (controle de natalidade), são possibilidades de interferência que podem ser realizadas e intensificadas, principalmente naquelas regiões mais sensíveis à armadilha da pobreza: o Norte e Nordeste. É importante destacar que a transição da fecundidade no Brasil já avançou muito, conforme exposto por Carvalho e Brito (2005); contudo existem ainda segmentos de mulheres, as mais pobres, que ainda carecem de informação e de acesso aos meios para regular sua prole.

Contudo, a ação que teria maior impacto na minimização da pobreza seria a geração de empregos. Incorporar a mulher no mercado de trabalho, com postos de trabalho de qualidade, melhores remunerações, com condições de trabalho decentes, com proteção social, atrelado a uma política que intensifique a disponibilidade de escolas infantis, visando o cuidado de seus filhos, certamente impactaria no controle do empobrecimento feminino. O resultado não se restringiria à mulher e seu domicílio no presente, mas, tais políticas interfeririam na qualidade de vida de seus filhos e descendentes, contribuindo no rompimento da reprodução da pobreza futura.

## Referências

- ALMEIDA, E. **Econometria Espacial Aplicada**, Editora Alínea, Campinas, 2012.
- BENDER FILHO, R.; BAGOLIN, I. **Determinantes da permanência na condição de pobreza crônica: aplicação do modelo logit multinomial**. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 467-494, dez. 2014.
- BRAVO, R. **Pobreza por razones de género: Precisando conceptos. Género y pobreza. Nuevas dimensiones**, Irma Arriagada y Carmen Torres (eds.), Nº 26, ISIS Internacional, Ediciones de las Mujeres, Santiago de Chile, 1998.
- CARVALHO, J. A. FAUSTO, B. **A demografia brasileira e o declínio da fecundidade no Brasil: contribuições, equívocos e silêncios**. *Rev. bras. estud. popul.* vol.22 no.2, São Paulo, p.35-369,jul/dez.. 2005.
- CIARELLI, M. **Índice de pobreza do Brasil cai mais de 50% entre 2002 e 2010. 2011**. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,indice-de-pobreza-no-brasil-cai-50-em-oito-anos,714372>>. Acesso: junho de 2015.
- GODOY, L. **Entenderla pobreza desde la perspectiva de género**. *Serie Mujer y Desarrollo*, n. 52. Santiago de Chile, 2004.

GELINSKI, C. R. Ortiz G.; PEREIRA, R. S. **Mulher e trabalho não remunerado.** Mulher e Trabalho. Porto Alegre, FEE, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **CENSO.** Disponível em: <[http://downloads.ibge.gov.br/downloads\\_estatisticas.htm](http://downloads.ibge.gov.br/downloads_estatisticas.htm)>. Acesso em: junho de 2015.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – 2013. **A Produção para Autoconsumo no Brasil uma análise a partir do Censo Agropecuário 2006.** Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/relatoriopesquisa/130328\\_relatorio\\_producao\\_autoconsumo](http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/relatoriopesquisa/130328_relatorio_producao_autoconsumo). Acesso em: maio de 2016.

LOUREIRO, A. O. F.; SULIANO, D.C. **As principais linhas de pobreza usada no Brasil.** 2009. Disponível em: <[http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/notas\\_tecnicas/NT\\_38.pdf](http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/notas_tecnicas/NT_38.pdf)>. Acesso em: junho de 2015.

MELO, H. P. **Gênero e pobreza: uma agenda em debate.** 2004. Disponível em: <<http://www.cepal.org/mujer/reuniones/quito/hildetequito2.pdf>>. Acesso em: maio de 2015.

NORTHROP, E. M. **The feminization of poverty: the demographic factor and the composition of economic growth.** *Journal of Economic Issues*, v. 24, n. 1, p. 145-160, Mar. 1990.

PEARCE, D. **The feminization of poverty: women, work and welfare.** *Urban and Social Change Review*, v. 11, p. 28-36, 1978.

PINHEIRO, L.; SOARES, V. **Brasil retrato das desigualdades gênero raça.** Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf>>. Acesso em: junho de 2015.

PNAD. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.** 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2013/microdados.shtm>>. Acesso em: junho de 2015.

PNUD. **Relatório de Desenvolvimento Humano, 1995.** Disponível em <<http://www.pnud.org.br/HDR/Relatorios-Desenvolvimento-Humano-Globais>>. Acesso em: junho de 2015.

SHADPOUR, B. **The Facts About Women and Poverty.** 2013. Disponível em: <<http://www.canadianwomen.org/facts-about-poverty>>. Acesso em: junho 2015.

SANT'ANA, M. **The evolution of the concept of development: from economic growth to human development.** *Inter-University Attraction Pole VI/06*, 2008.

*Submetido em 02/02/2016  
Aprovado em 28/05/2016*

**Sobre o(s) Autor(es):**

**Augusta Pelinski Raiher**

Doutora em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais e do curso de economia da Universidade Estadual de Ponta Grossa Área: Desenvolvimento econômico; Economia Rural; Agronegócio.

Email: apelinski@gmail.com